

Esterilização mostra alto risco

A Central de Material Esterilizado (CME) do Hospital Regional de Taguatinga (HRT), o “coração” do hospital que fornece todo o material usado no Pronto Socorro, centros cirúrgico e obstétrico e clínicas, está condenado e necessitando urgentemente de uma reforma em toda a sua estrutura e aparelhagem. A constatação é da Comissão de Fiscalização dos conselhos regionais do setor de Saúde que, durante visita ao CME, indignou-se com o fluxo de material estéril e não estéril, os riscos de infecção aos quais os funcionários estão expostos e o risco de contaminação que sofre o centro cirúrgico.

Das três autoclaves da CME, apenas duas funcionam, precariamente, lamentou a encarregada pelo setor, Cláudia Dutra Andrino, ressaltando que quando uma delas estraga, todo o material usado é transportado para o Hospital de Base do DF, para esterilização, o que levanta o risco de contaminação. O funcionamento das autoclaves está tão deficiente, que às vezes é neces-

sário esterilizar o material por duas ou três vezes.

O setor de expurgo, que recebe todo o material contaminado do Centro Cirúrgico, Pronto Socorro e Obstetrícia, não possui um banheiro para que os funcionários que ali trabalham — os mesmos que cuidam do material já esterilizado — possam fazer assepsia para evitar contaminação. O material esterilizado fica em prateleiras inadequadas, segundo Cláudia Dutra, a um metro de distância do material não estéril. O ar-condicionado não funciona e os funcionários — constantemente vítimas de infecção — usam um ventilador para suportarem a temperatura do ambiente, apesar desse instrumento ser proibido no local.

A falta de ventilação é uma das principais deficiências do Centro Cirúrgico do HRT, na opinião do médico Antônio Alves, do CRM e diretor do Sindsaúde. “O ambiente sem troca de ar, com alta temperatura, propicia a contaminação ambiental e favorece a infecção hospitalar”, alertou.